

**Macía Arce, X. C.; Rodríguez Lestegás, F.; Armas Quintá, F. X. (Coords.) (2015):** *Ensinar Geografia. Realidades e propostas no Brasil e Galiza*. Santiago de Compostela: Andavira. ISBN: 978-84-8408-815-8. 229 páxinas.

Em março de 2014 surgiu entre a Associação Universitária de Ciências Sociais e Humanidades Galiza Iberoamérica (AGALI) e o Departamento de Didática da Língua e Literatura e das Ciências Sociais da Universidade de Santiago de Compostela, a idéia de publicar um livro de nove capítulos sobre o ensino da geografia, tomando como referência principal as experiências relacionadas com o ensino e aprendizagem da geografia no Brasil.

O primeiro capítulo, assinado pelos coordenadores do livro, apresenta uma experiência de sala de aula com alunos universitários através da análise de oito trabalhos de pesquisa sobre qualidade de vida em reservas da biosfera, evidenciando a necessidade de trabalhar nas aulas de educação secundária com uma geografia ativa, reflexiva e crítica.

Os investigadores Wagner da Silva Dias e Rafael da Silva Oliveira, abordam as representações sociais estereotipadas e mistificadoras sobre o Amazonas, através de análises de textos de alunos do ensino fundamental. Os autores trabalharam com crianças entre os 11 e os 13 anos de uma escola pública de Boa Vista, em Roraima, para que elaborassem uma imagem mental do Amazonas com uma pequena descrição. O interesse dos autores era perceber os conhecimentos adquiridos sobre a região e como veem a Amazônia. O objetivo do trabalho foi orientar o ensino da geografia na etapa fundamental para evitar as generalizações estereotipadas e mostrar a complexidade da região amazônica.

Helena Copetti Callai aborda o ensino da geografia que se leciona nos anos iniciais de escolaridade no Brasil. A autora faz uma reflexão sobre a geografia que se está a ensinar nos primeiros anos do “ensino fundamental” (7-10 anos), assim como o nível de formação que têm os docentes e se a sua qualificação é a adequada às diferentes especialidades. Também aborda o tema das políticas públicas e analisa as diretrizes curriculares para os cursos de Pedagogia e de geografia. Conclui que a legislação propõe um ensino em uma escola que está idealizada, assim como que a figura do professor não tem a formação específica em relação às duas demandas.

Nestor André Kaercher e Ivaine Maria Tonini reflexionam sobre as experiências que tiveram os autores como coordenadores de curso de aperfeiçoamento na modalidade de educação à distância, subsidiado pelo Governo Federal. Este curso estava destinado a professores graduados, que na sua maioria davam aulas na primeira etapa do ensino fundamental (7-10 anos). Tratava-se de um curso totalmente gratuito, pago pelo Governo Federal no âmbito de uma política pública para qualificar a educação através da formação de professores. Os autores destacam a importância da figura do professor como elemento crucial no processo de ensino-aprendizagem, bem como as possibilidades oferecidas pela educação à distância para chegar a uma maior parte da população. O texto enfatiza que há muito caminho a fazer para melhorar a formação de professores, sendo que são necessárias políticas de investimento que garantam a formação continuada dos educadores.

Jerusa Vilhena de Moraes e Sonia Maria Vanzella Castellar contextualizam o termo “cidadania” a partir de leituras que consideram importantes para o ensino da geografia nas escolas. Apresentam também uma breve perspectiva histórica sobre a utilização deste conceito na escola. As autoras entendem que o conceito de cidadania não está associado tanto aos conteúdos que abarca a geografia, mas está mais ligada aos conceitos que professor e aluno devem adquirir dentro de um contexto multidisciplinar.

Jorge Luiz Barcellos da Silva propõe uma reflexão sobre os problemas e desafios relacionados com o ensino e aprendizagem da geografia na formação de professores nos primeiros anos do ensino fundamental da

escola básica no Brasil. O autor considera que, para a formação dos professores, são necessários vários enfoques. Destaca dois, um deles é em que etapas da formação básica ensinam (educação infantil, ou fundamental) e o segundo é avaliar como se percebe a figura do professor polivalente. Em síntese, o autor afirma que é preciso identificar os desafios e perspectivas do ensino e aprendizagem da geografia na formação de professores nos anos iniciais da escola básica no Brasil. São necessários professores que tenham um repertório sólido de conhecimentos com um domínio didático rigoroso e que, por sua vez, sejam reflexivos.

Vanilton Camilo de Souza e Thiago Aires Silva pretendem desenvolver nos alunos um pensamento crítico acerca dos fenômenos espaciais do dia-a-dia. Para isso desenham uma metodologia de ensino da geografia baseada na construção de conceitos. Assinalam que as palavras e os conceitos não são sinônimos e que existem diferentes mecanismos cognitivos nas relações do indivíduo com o meio. Para eles, o professor deve possuir uma boa formação teórica, tanto em relação aos conteúdos específicos como aos de ensino. Conclui-se que ainda existem dificuldades para superar o ensino baseado na transmissão de conteúdos, persistindo o modelo tradicional nas práticas de ensino da geografia na atualidade. Os autores afirmam que a metodologia que desenharam fundamentada na construção de conceitos, pode ser levada a cabo por aqueles que apostam no ensino de uma geografia crítica.

Lana de Souza Cavalcanti e Lucineide Mendes Pires dividem o capítulo em três partes. Na primeira delas apresentam uma discussão sobre as políticas educacionais e de currículos atuais dirigidos à formação de professores de geografia para a educação básica no Brasil. Na segunda apresentam uma reflexão sobre as práticas de ensino da geografia na escola básica e as demandas para a formação profissional. Finalmente, na terceira parte, centram-se nos princípios de decisão dos currículos de formação do professor.

Por último, Heitor Silva Sabota e Miriam Aparecida Bueno apresentam uma investigação onde se analisam metodologias de trabalho levadas a cabo por organizações e instituições de ensino que impulsionam a educação (não formal) em diferentes grupos sociais na cidade de Goiana. Destacam o trabalho pedagógico realizado pelo movimento Boy Scouts, contemplando diversas áreas do conhecimento. Os autores afirmam que as modalidades de aprendizagem formal e não formal poderiam ser complementares e partilhar experiências pedagógicas. Os autores concluem que as atividades levadas a cabo pelo movimento Boy Scouts, tanto para o ensino da geografia como para outras disciplinas escolares, revelaram a transmissão de certos valores positivos, além de adequarem as atividades realizadas com os interesses e necessidades de cada aluno.

Xosé Carlos Macía Arce  
*Universidade de Santiago de Compostela*  
[carlos.macia@usc.es](mailto:carlos.macia@usc.es)

Francisco Rodríguez Lestegás  
*Universidade de Santiago de Compostela*  
[f.lestegas@usc.es](mailto:f.lestegas@usc.es)

Francisco Xosé Armas Quintá  
*Universidade de Santiago de Compostela*  
[francisco.armas@usc.es](mailto:francisco.armas@usc.es)